

# Psicóloga alerta para falta de informação

*De acordo com Margareth, dados sobre chances de sucesso do tratamento nem sempre são precisos*

**A** psicóloga paulista Margareth Arilha faz parte da diretoria da Organização Não-Governamental Ecos, voltada para pesquisas na área de sexualidade e reprodução humana. Ela é autora do estudo Infertilidade e Políticas Públicas, realizado a partir de entrevistas com mulheres que recorreram a clínicas para inseminação artificial. Na entrevista abaixo ela fala sobre o trabalho e aponta algumas das polêmicas em relação às novas tecnologias de reprodução. Segundo Margareth, de 38 anos, casada e mãe de duas crianças, no Brasil não existe nenhum sistema de orientação e vigilância nessa área.

**Estado —** Nas entrevistas que realizou em clínicas de inseminação, que problemas a senhora verificou?

**Margareth Arilha —** Um deles é que as mulheres nem sempre são informadas com precisão sobre as chances de sucesso do processo a com que estão se submetendo. Algumas disseram que haviam recebido informações de que as chances che-

gavam a 30%. Na verdade giram em torno de 14%. Mas isso não é o mais importante. O que me preocupa é o fato de todos os procedimentos na área de novas tecnologias estarem sendo empregados sem regulamentação da parte do Estado. Não existem normas do Ministério da Saúde, nem vigilância.

**Estado —** Poderia dar um exemplo de ação médica que necessitaria de regulamentação?

**Margareth —** As normas deveriam surgir a partir de um debate, que se tornou urgente. Mas posso dar um exemplo de questão que causa dúvidas. Como se sabe, as chances de os embriões implantados na mulher vingarem são pequenas. Por causa disso, costuma-se implantar vários embriões, numa média entre três e cinco. Se vá-

rios deles vingam, faz-se a chamada redução da gravidez, uma espécie de aborto dos embriões indesejados. Durante minhas entrevistas, encontrei uma mulher na qual haviam implantado 12 embriões. O que eu pergunto é o seguinte: deveria ou não haver uma indicação sobre o número de embriões implantados? Por que alguns colocam três e outros 12?

**Estado —** A senhora não acha que as mulheres enfrentam todos

esses problemas porque o resultado final pode ser recompensador?

**Margareth —** Normalmente a mídia divulga só os atos médicos bem sucedidos. Não se fala do mal físico e psíquico a que os casais são submetidos nesse processo. Para se obter o óvulo da mulher, o seu ciclo fértil é submetido a um controle duro, com estimulação hormonal que traz vários conseqüências para o seu corpo. A ansiedade é enorme. Entrevistei uma mulher que procurou a clínica porque o seu marido tinha problemas de fertilidade. Foi feita então uma combinação entre os óvulos dela com o material genético do marido e com o de outros homens. Os embriões, combinados de maneiras diferentes, foram transferidos para o útero dessa mulher, que engravidou. Mas ela não sabe se o filho resultou do material genético do marido. Isso é comum, mas acho que deveria ser discutido sob o ponto de vista ético. Também se deveria discutir o controle dos bancos de esperma. Sabemos que no Exterior já nasceram crianças pelo método da fertilização in vitro que tinham o vírus do HIV.

**Estado —** A senhora não acha que as novas técnicas devem ser vistas sobretudo como chance de resolução dos conflitos para aqueles casais com problemas de fertilidade?

**Margareth —** Não sou contra o uso dessas técnicas. O que recomendo é que se controle melhor o seu uso. Além disso, acho que deveríamos estimular as adoções no Brasil.

## FATOS QUE PREOCUPAM

• **Março/1992** - Na Virgínia, o ginecologista Cecil Jacobson é condenado por ter inseminado pacientes com o seu próprio esperma

• **Abril/1993** - Em Nova York, um juiz nega a um homem que doou o esperma para um casal de lésbicas o direito de ser declarado pai biológico

• **Dezembro/1994** - No Rio Grande do Sul, um erro na escolha do sêmen dá um filho branco a um casal de negros

• **Janeiro/1995** - Nasce em Roma uma menina cuja mãe morrera havia dois anos. O óvulo fecundado foi congelado e implantado no útero da tia da criança